



Arte e beleza no Salão de Arte 30 Cores Em Maio, na Sala Portugal, do Convento das Mercês

• PAG. 4, 5 e 6



Kércio Rabelo, Laura Amélia Damous, Eliezer Moreira Filho e o Repórter PH

São Luís ganha na Avenida dos Holandeses a primeira franquia da Evino no Nordeste

• PAG. 2

Reprodução



EIS UM dos lances mais emblemáticos da história do futebol: na Copa de 1986, o mundo admitiu que o argentino Maradona era tão bom quando Pelé. E aquele gol contra os ingleses redimiu todo o Terceiro Mundo... Aquele em que ele driblou meio time? - Não! Aquele com "la mano de Dios"...

O sujeito começa a ficar velho quando nota que Mary Quant saiu deste plano com 93 anos de idade e as debutantes do Lítero ou do Jaguarrema, da sua época, já são matronas romanas, recheadas de netos. E que a minissaia voltou, sem jamais ter ido embora.

Você está irremediavelmente velho quando se lembra do primeiro show de Roberto Carlos em São Luís, ocasião em que ele cantou uma música hoje banida de seu repertório lírico-sacro: "E que tudo o mais vá pro Inferno..."

Iê, iê, iê... ufa! - lá se vão mais de 50 anos. Você está velho, mas o seu caso não parecerá tão grave se você, ao falar de futebol, referir-se também aos gols de Maradona, e não só aos do Pelé:

- Aquele "chapeuzinho" no zagueiro do País de Gales...

Melhor falar na Copa de 1982, que perdemos sem merecer. Sofri menos que Fernando Sarney - ele ficou na Espanha e eu preferi ver tudo de longe, pela TV, em Paris. E, vá lá, na Copa de 1986, para admitir que Maradona era bom:

- Aquele gol contra os ingleses redimiu todo o Terceiro Mundo...

- Aquele em que ele driblou meio time? - Não. Aquele com "la mano de Dios"...

LEMBRANÇAS

de um tempo que agora é denunciado pelos chamados sinais exteriores de velhice

Louvar o tempo passado é indício de velhice quase tão ostensivo quanto os cabelos embranquecidos nas têmporas, embora já possam ser tonalizados em cinco minutos. É como lembrar-se a toda hora de Elis Regina como "a Pimentinha". Ou de "Leila Diniz" como a nossa bombshell predileta. Lembrar-se de Carmem Miranda aí também já seria demais. Não seria mais um caso de velhice. Mas de Arqueologia.

A arenga dos "antigos" encaixa sempre uma lamúria:

- Não se bebe mais um chope bem tirado!
- Boa mesma era a "dobradinha" do Restaurante Lusitano, na Rua de Nazaré.

- Ninguém sabe mais falar português. Falam uma língua bárbara, parecida com Internetês!

- Bom era isso aqui quando se atravessava a rua lendo um jornal!

Como num explosivo, há uma carga de ressentimento em cada frase. Um melindre, uma mágoa mal escondidos, ao insistir em que o "seu" tempo sempre foi o melhor, enquanto existiu.

Ser velho é achar que o que vale mesmo é a "jovialidade de espírito". E até debochar do "seu" Joaquim, lá da esquina, que já tem quase cem e que outro dia exaltou o talento "daquela menina, a Vivian Leigh", de "...E o Vento Levou". Isso enquanto elogia a Brooke Shields, de Pretty Baby, que vem a ser a Vivian Leigh dos sessentões.

Além dos chamados sinais exteriores de velhice - a calva, a barriga, a flacidez, as cãs, o ressentimento - o homem deve ficar bem atento com o seu próprio comportamento, e o de seus amigos. Já nem falo em sair por aí à caça de periguetes. Mas em começar a usar só "jeans" e camisas cor de abóbora. Aí,

você já está dominado pela mal dissimulada vontade de camuflar o conteúdo pelo invólucro. Roupa de "mocinho" em corpo de velho.

Não dá certo. Deixe as cãs crescerem, e o tempo continuar o seu nefando serviço. Melhor ser jovial que ranzinza, ou rabugento. Mas nem tão "informal" e "metido" que mereça das mulheres aquela classificação pouco respeitosa:

- Velhos? Existem de duas categorias: os insuportáveis e os ricos...

Aliás, é com as mulheres que a relação dos madurões se complica definitivamente. Nesse mundo de frouxo sexualismo, em que a "camisinha" é oferecida antes, durante e depois de uma balada, o velhinho está sempre pensando "se vai dar no couro", ou se la donna "não é muita areia para o seu caminhãozinho" ...

Millôr Fernandes, que era um maduro e um filósofo de múltiplas sabedorias, lembrava que o pior da velhice "é você ainda conservar uma grande capacidade de conquista, levar as mulheres pra cama com a maior desenvoltura - e não se lembrar bem pra quê":

- O homem está realmente velho quando prefere estar só do que bem acompanhado...

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O Repórter PH e o empresário José Sobral Neto entre o médico Igor Nogueira e fisioterapeuta Sergio Balata

EVINO E FRANQUIA NO CALHAU

Se globalmente a expectativa é que o consumo de vinho caia 1% todos os anos até 2026, de acordo com a consultoria IWSR, especializada no mercado de bebidas, aqui no Brasil a situação é outra. O consumo médio per capita saiu de 1,8 litro em 2019 para 2,7 em 2022, e permanece nesse patamar. Atualmente há 44 milhões de consumidores de vinhos no país, duas vezes do que havia em 2010, segundo a Ideal Consulting.

E acompanhando este crescimento estava a Evino, marca do Víssimo

Group que conta também com a Grand Cru, comprada em 2021. A plataforma se tornou referência da venda online de vinhos, com mais de 2 milhões de clientes. Se o mercado digital está mais do que dominado, a marca agora quer se transformar em referência também em lojas físicas. A meta é chegar até o fim deste ano com 30 pontos no país.

E São Luís ganhou a sua franquia Evino, no Calhau, por conta dos empresários Gabrielle e José Sobral Neto, que receberam para um coquetel na quarta-feira.



Marco Moura da Silva (muito bem acompanhado) e os anfitriões Gabrielle e Sobral Neto



Carmine e Marcelo Ribeiro (da Geramar)



Grupo animado comandado por Oton Lima e Augusto Pestana



Gustavo Carvalho e Rafaela, Oton Lima, Fernanda e Antonio Oliveira



Joelson Milhomem e Daniela entre os anfitriões Gabrielle e Sobral Neto



Gabrielle e Sobral Neto com Leila e Ricardo Pestana



Jesus Nunes e Leopoldo Santos com os anfitriões Gabrielle e Sobral Neto



Sobral Neto e Hugo Teixeira



Maria Vitória Mota e Tito Sobral



Antonio Oliveira, Joelson Milhomem, Sobral Neto e Marcelo Ribeiro

Realidade fantástica

Perdoem-me a literatura numa hora dessas, mas é nos livros que busco refúgio para o cérebro e o coração quando fica difícil suportar a realidade, como vem ocorrendo nestes dias tormentosos no belo pampa alagado. Em Macondo – quem leu Cem Anos de Solidão, do extraordinário García Márquez, sabe do que estou falando –, choveu durante quatro anos, 11 meses e dois dias. E, no entanto, os Aurelianos e José Arcádios sobreviveram para protagonizar uma história encantadora de muitas gerações.

– Mas era realismo fantástico! – poderão argumentar alguns leitores mais pessimistas do que este repórter.

É verdade. Porém, a ficção existe justamente para nos proporcionar oportunidades de viver outras vidas além da nossa.

Como diz outro grande das letras latino-americanas, o peruano Vargas Llosa, a literatura nos permite “saborear outras aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração”.

Pois bem, depois de destruir casas, arrasar plantações, encharcar almas e levar vidas – exatamente como está fazendo o Rio Grande do Sul –, a chuva parou na vila imaginária do escritor colombiano. Ele relata: “Numa sexta-feira, às duas da tarde, iluminou-se o mundo com um sol bobo, vermelho e áspero como poeira de tijolo...”.

E aí, sabem o que aconteceu? Os sobreviventes da catástrofe sentaram-se no meio da rua para se aquecer e conversar. Então um passageiro curioso perguntou-lhes

o que tinham feito para não se afogar na tormenta que levava tudo por diante. Deram-lhe uma resposta coletiva:

– Nadamos!

Nadar, no caso, não significa apenas se deslocar na água com as mãos em forma de concha, em movimento coordenado de braços, pernas e respiração. Nadar é, acima de tudo, resistir. Resistir à gravidade, à correnteza, à lama, às perdas, às adversidades e ao desânimo.

Os gaúchos estão resistindo bravamente e isso nos dá certeza de que eles vão sobreviver. E quando o sol voltar a brilhar sobre os telhados de suas casas e sobre suas cabeças, também se sentarão no meio do pampa precioso e malcuidado para alinhar os detalhes das histórias que haverão de contar para os seus netos, e que eles repetirão para os seus próprios descendentes por sucessivas gerações:

– Meu avô contava que no dilúvio de 2024 um cavalo ficou ilhado durante quatro dias, de pé sobre um telhado de zinco, sem comer nem dormir, e saiu da enrascada de barco...

E não faltará um menino mais cético para questionar:

– Realismo fantástico outra vez, vovô?

Palmas para essa história fantástica contada pelo escritor Nilson Souza.mínimo de acordo.

E o resultado acabou sendo a rutura de um sistema que se julgava eterno, mesmo por presumir-se sob a proteção divina, que lhe assegurava a Igreja da época, insistindo em legitimá-lo.



O papagaio azul

Na semana passada, o poeta catarinense Nei Duclós, contou que estranhou a presença de um papagaio entre os animais resgatados na enchente do Rio Grande do Sul. Era um exemplar único entre gatos e cachorros apavorados pela solidão e a morte iminente. Já o papagaio mantinha a postura de um idoso sábio, conformado com a situação coletiva, talvez por não esperar mais nada ou pela dor da perda de contato com seus donos.

Ele diz que estranhou por ser ave solta e que em tese poderia voar, dispensando o auxílio prestimoso dos voluntários civis, que improvisaram equipes de heroísmo diante da omissão da farda.

Sedentário e mudo, havia o agravante de ser azul, contrariando a tradição da espécie, verde, que tem indivíduos chamados de Louro.

No embalo da canoa precária, o papagaio azul era a

imagem da impotência em meio à tragédia. Não tinha função nenhuma, pois não servia mais de adorno proibido por ser silvestre, nem divertia as visitas dizendo nome feio. Não dispunha de um ombro de pirata para fingir poder e também não era um clássico papagaio fanho de anedota.

Era uma criatura deslocada, como nós. Não pertencia à natureza, da qual nunca fez parte por ter se originado no cativeiro. Não tinha uma casa, levada pelas águas. Era só um papagaio azul rumo a um abrigo, onde continuaria só, como um naufrago que se pergunta porque continuava vivo.

É possível que tenha escapado apenas para ser capturado pela crônica de um poeta e escritor veterano e bizarro, que também permanece respirando, engolindo uma quantidade enorme de palavras.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Kércio Rabelo, Laura Amélia Damous e Eliézer Moreira Filho com o Repórter PH



Tatiane Lindoso com Félix Alberto Lima



O marchand Carlos Dimuro com Pedro Robson Holanda da Costa

30 CORES EM MAIO:

ou as artes plásticas, quase 30 anos depois, vistas pela ótica de Félix Alberto Lima

Houve um tempo em que, a cada maio, as artes plásticas floresciam em São Luís. Eram os salões festivos, os concursos de pintura, as mostras coletivas. Maio entrou para o calendário maranhense como o mês mais aguardado por artistas e pela comunidade interessada em arte. Mas a fonte secou em determinado momento, em fins dos anos 1990. E aí se foram quase três décadas de hiato, com alguns eventos isolados, de pouca importância ou repercussão. Quase 30 maio!

Na última sexta-feira, porém, a história voltou a ser contada com a abertura da exposição “30 Cores em Maio”, organizada pela Fundação da Memória Republicana Brasileira, no Convento das Mercês. É necessário abordar, antes de tudo, o aspecto empreendedor da coletiva, ao abrir caminhos para artistas já experimentados e novos nomes das artes plásticas maranhenses, fato por si merecedor de aplausos, haja vista a atonia em que ora se encontram mergulhados o campo criativo e o mercado.

É digna de registro, ainda, a iniciativa da FMRB ao homenagear, na sala de acesso à mostra “30 Cores de Maio”, três importantes artistas plásticos que o Maranhão perdeu nos últimos dois anos: Dila, Péricles Rocha e Jesus Santos. Três

talentos merecedores de toda a nossa reverência.

A nova exposição surge como uma oportunidade para que os artistas mostrem que estão vivos, atentos, com suas leituras de mundo e multiplicidade de linguagens, sejam elas antigas, contemporâneas ou futuristas.

E o que se observa no segundo pavimento do Convento das Mercês? É o monóculo remexendo na nossa ancestralidade. É o lixo reciclado gritando de uma tela contra o novo “empalafatamento” das grandes cidades agora cobertas pela ira das águas. É a inteligência artificial furando a bolha da arte, revisitando a lenda da serpente e clamando por um lugar ao sol numa parede de galeria. São cascos de azulejos despedaçando réstias de esperança de uma cidade que não respeita a sua história.

Voltar ao Convento das Mercês para apreciar uma exposição de arte é, em certa medida, um reencontro afetivo com a Coletiva de Maio, que balançou a cena cultural maranhense dos anos 1990. “30 Cores em Maio” é uma versão mais compacta, menos arrojada – e talvez por isso mais organizada. Porque os tempos são outros, agora é a vez da efemeridade.

Mas é importante ressaltar que o espaço do Convento das Mercês

continua sagrado, a atmosfera de entusiasmo da classe artística é quase a mesma. Muitos que ali estiveram como protagonistas, há 30 anos – como expositores, curadores ou espectadores – retomam agora ao velho bairro do Desterro com indisfarçável senso de curiosidade, comparando passado e presente, medindo em vão os traços de inventividade de hoje e de ontem.

Na noite de abertura de “30 Cores em Maio”, a curadoria – formada por Marco Antônio Lima, Miguel Veiga, Betânia Pinheiro, Luciana Barros, Silvânia Tamer, Régis Gella, Ana Luiza Nascimento, Eliézer Moreira Filho e Yure Logrado – elegeu os três trabalhos em destaque na exposição, de autoria dos artistas Marlene Barros (1º lugar), Moura Júnior (2º lugar) e Márcio Vasconcelos (3º lugar). Como em qualquer premiação, houve quem discordasse da escolha. Como houve também quem questionasse a limitação da mostra em apenas 30 obras.

Nem todas as peças em exposição são criações primorosas. Existem estagnações, arte repisada e algum equívoco. Algo natural numa mostra coletiva. Mas há também trabalhos de forte impacto criados por velhos conhecidos dos apreciadores de arte, como J. Mondégo (e a sua fúria silenciosa em traços crus e cores sombrias),

Geraldo Frazão (refugiado numa felicidade clandestina, talvez londrina) e Cláudio Costa (vergando nossa vocação de gente cordial e colonizada); além de bons ventos anunciados por Alex Soares, Cláudio Lima, Antônio Vermelho, Namibya Aick, Joy Brasilino e Romana Maria.

Uimar Júnior não perderia a oportunidade de vender o seu peixe em público. Vestiu-se de estandarte para reclamar da exclusão da categoria “performance” – da qual foi um dos principais vencedores nas primeiras edições da Coletiva de Maio – na mostra atual do Convento das Mercês. “O que é arte?”, bradava o cartaz estampado sobre uma espécie de mortalha vestida pelo artista.

No mais, há de se louvar a iniciativa da FMRB, hoje quase uma ilha (dentro da nossa ilha) em matéria de realização de eventos culturais. Não é preciso repetir o passado. A Coletiva de Maio hoje repousa no fundo do poço central do Convento. Não poderia ser diferente.

Que a exposição “30 Cores em Maio” não olhe para trás. Que ela cresça no formato e, sobretudo, em qualidade. Remoçada. E não desapareça pelos próximos 30 anos!

(texto de Félix Alberto Lima)



O Repórter PH cumprimentando Eliézer Moreira Filho



Eliézer recebendo de Kércio Rabelo o troféu alusivo às parcerias culturais com os projetos da Fundação da Memória Republicana Brasileira



O Repórter PH com Ana Amélia Ribeiro, Teresa Martins e Jéssica Melo



Fernanda Albuquerque de Araújo Costa, Ricardo e Maria Luiza Miranda, Jeane e Carlos Gama



Sérgio Vítor Tamer e Silvânia com Cristiana e Alexandre Lago



Luiz Guilherme com o avô Arthur Almeida



Félix Alberto Lima, Lourdinha Almeida e Lauro Martins



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque



O procurador-geral da Justiça, Eduardo Nicolau, foi outro homenageado da noite e recebeu seu troféu das mãos de Kércio Rabelo

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Uimar Júnior fazendo uma performance de protesto



Uma exibição especial de obras de Péricles Rocha



Fernando Motta mostrando sua tela para Maria Luiza e Ricardo Miranda



Kércio Rabelo e sua esposa Ana Maria



Carmen Lúcia e Antonio José Duarte Ferreira com Júlio Moreira Gomes



Socorro Azevedo, Cintia Klamt Motta, Bianca, Fernando Motta, Marcella Tranches e Rodrigo Klamt Motta



José Almir Valente Costa, Josias Sobrinho e Roberto Brandão



Cybele Lauande, Rosilan Garrido e Cintia Klamt Motta



Edgar Rocha, Eliézer Moreira Filho e Chico Saldanha



Júlio Gomes e Sergio Tamer



A Bela Giovana Braga



O Repórter PH com Otávio Gomes e Jéssica Alves



Emygdia Rosa Leal e Guilherme Garrido



Euclides Moreira Neto entre Sabina e Rosária Dias Carneiro



Silvânia Tamer, Lourdinha Almeida e Teresa Martins



Lourdinha Almeida e Ana Maria Sarney Costa



Teresa Martins, Valéria e Nelson Almada Lima, Olga Simão e Sandra Ferreira Oliveira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Kátia Bogéa, Andréa Vasconcelos, Rose Barbosa e Mariana Martins



Meireles Junior ao lado de sua fotografia dos Lençóis Maranhenses



Rafaela Albuquerque, Oton Lima, Fernando Motta, Isabella Murad e Bianca Klamt



Silvânia Tamer, Lourdinha Almeida e Teresa Martins



Luizinete Pereira, Lourdinha Almeida, Ana Maria Sarney Costa, Kércio Rabelo, Olívia Vinhas e a vereadora Karla Sarney



Luizinete Pereira e Eduardo Nicolau



Oton Lima e Isabela Murad



Beth e Márcio Vasconcelos



Felipe Klamt e a filha Gabi, Fernando e Cintia Motta



Rosilan Garrido, Carminha Cabral Marques, Kércio Rabelo e Marlene Barros

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)

Fotos/Divulgação



Evandro Júnior entre Marina Rattes, da Assessoria de Imprensa da Vale, e Wagner Tameirão, coordenador do Memorial Minas Gerais Vale, na escadaria do Memorial Vale, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte

INSTITUTO CULTURAL VALE RECEBE JORNALISTAS EM MINAS GERAIS

Em celebração à Semana dos Museus, o Instituto Cultural Vale convidou três jornalistas de diferentes regiões do Brasil para conhecer seus espaços patrocinados em Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais.

Os repórteres do Maranhão, Pará e Espírito Santo tiveram a oportunidade de visitar pérolas como o Memorial Vale, na Praça da Liberdade, em BH, um espaço que faz uso de tecnologias, ambientes sensoriais e atividades educativas para abordar a cultura, a arte e a história.

As exposições combinam cenários, luzes, sons, vídeos, imagens, algumas obras e objetos de época a fim de recontar a história das Minas Gerais dos séculos 18 ao 21. Nas salas, é possível interagir com os elementos formadores da cultura mineira, em um ambiente próprio à experiência e ao aprendizado pessoal.

Aliás, o prédio, por si só, já é uma obra de arte. Ele foi inaugurado em 1897, já tendo abrigado a Secretaria de Estado da Fazenda. Seu conjunto é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

O edifício, que passou por uma restauração para acolher o memorial, é uma atração única com seu pátio central, que recebeu nova iluminação e jardim, a escadaria de ferro, que pode ser vista da rua, e as linhas arquitetônicas de inspiração francesa.

Com entrada gratuita, o museu funciona nas terças, quartas, sextas e sábados, das 10h às 17h30, com permanência até as 18h, nas quintas, das 10h às 21h30, com permanência até as 22h, e aos domingos, das 10h às 15h30, com permanência até as 16h.

Os jornalistas também visitaram o Museu do Oratório e o Museu Bouliou, em Ouro Preto, este último ocupando as instalações do antigo Asilo São Vicente de Paulo. Além disso, o passeio incluiu o Museu de Mariana, que tem o próprio município como tema central da sua exposição de longa duração, e o Instituto Inhotim, maior museu a céu aberto da América Latina.

Thaynara OG está na expectativa para a sua grandiosa festa junina, dias 7 e 8 de junho, no Espaço Reserva

Thaynara OG está no aquecimento para sua festa junina solidária



Thaynara OG está na concentração desde o mês de abril para o São João da Thay, desde que inaugurou a super loja do evento no Shopping da Ilha.

Em novo local e agora em dois dias, a proposta será um verdadeiro festival, confirmado para os dias 7 e 8 de junho.

O evento junino entra em sua sexta edição, pois começou em 2017, mas com um hiato nos anos de 2021 e 2022. O objetivo é divulgar as belezas e a cultura do Maranhão, fomentar a economia criativa, o comércio local e, ainda, agregar um caráter beneficente, pois o lucro irá para uma causa social, ou seja, os projetos assinados pelo Criança Esperança.

Além disso, o São João da Thay será realizado em um novo local: o Espaço Reserva do Shopping da Ilha, com cerca de 300m², que é bem maior. Uma das novidades será a presença do integrante do RBD, Christian Chávez, como atração internacional.

Pagode da Comunidade vai movimentar o sábado no Centro Histórico

A capital maranhense, conhecida como 'Jamaica Brasileira', também tem se revelado um polo de projetos musicais que homenageiam

o pagode, primo muito próximo do samba, considerado gênero musical popular e a cara do Brasil. Os grupos costumam se apresentar nas comunidades, com repertório diversificado.

Neste sábado, todos eles serão homenageados durante o evento Pagode da Comunidade, no Casarão Colonial, na Rua Afonso Pena, às 17h. Os grupos representantes serão Resenha do Poder, Groovão, Alvinho Kits e Cadenciô. Durante a festa, será transmitido o jogo entre Flamengo e Vasco.



O grupo Groovão, que contabiliza 11 anos de estrada, tocando pagode, samba e misturando com a swingueira e o calango, é um dos que se apresentarão no evento



A empresária e idealizadora da "Entre Mães", Amanda Lícia, que está em sua quinta edição, celebrou o sucesso do evento com parceiros, público e expositores: "Tivemos uma resposta bastante positiva dos expositores e ainda mais do público que esteve presente e participou dos shows, palestras, e ainda aproveitou para fechar negócios", afirma a empresária.

Amanda fez questão de passar em todos os expositores a fim de ter um feedback e poder, cada vez mais, melhorar as edições da "Entre Mães". "Aguardem, a Entre Mães é só a cereja do bolo, pois teremos outros encontros e eventos, e em 2025 vamos para nossa sexta edição", afirmou Amanda!

Amanda fez questão de passar em todos os expositores a fim de ter um feedback e poder, cada vez mais, melhorar as edições da "Entre Mães". "Aguardem, a Entre Mães é só a cereja do bolo, pois teremos outros encontros e eventos, e em 2025 vamos para nossa sexta edição", afirmou Amanda!

- Dezenas de DJs da Grande Ilha se unem, neste domingo (19), para formar a Frente Solidária DJs MA, que visa arrecadar donativos para as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul e para famílias maranhenses.

- O evento acontece em parceria com a Cruz Vermelha do Maranhão e a Associação Maranhense de Assistência Social (AMAS). Apoiam essa ideia a Secretaria Municipal de Cultura de São Luís, Polícia Militar, profissionais liberais e parceiros da iniciativa privada.

- As doações serão recebidas das 9h às 15h, na Praça do Pescador, na Avenida Litorânea. Os donativos podem ser: água potável, alimentos não perecíveis, roupas, fraldas descartáveis e geriátricas, entre outros itens de extrema necessidade.

- A Faculdade de Negócios Faene realizará o workshop 'Carreira em Foco', confirmado para o dia 28 de maio, às 19h, na sede da instituição, localizada no bairro Angelim. O evento será presencial com transmissão ao vivo.

- A proposta do workshop solidário, segundo a diretora da Faene, Michele Carreira, é abordar os perfis profissionais mais procurados pelas empresas atualmente.

- A participação no evento será mediante a doação de 2 kg de alimentos não perecíveis, a serem direcionados às famílias atingidas pelas enchentes no Rio Grande do Sul.

- Na verdade, uma corrente de solidariedade uniu o Brasil nas últimas semanas. Em São Luís, empresas do ramo da indústria também arregaçam as mangas para ajudar as vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul.

- A Granorte S/A, empresa pioneira no trabalho de exploração, beneficiamento e comercialização de material britado para construção no Maranhão, por exemplo, está sendo ponto de coleta de doações, entre roupas, alimentos não perecíveis, material de limpeza, sapatos, ração para animais, cobertores e outras necessidades por ora de extrema importância para as famílias desabrigadas.

- O escritório da Granorte fica na Avenida Colares Moreira, 07 - Ed. Vinicius de Moraes - Calhau, salas 1106/1107/1111. O telefone é (98) 3261-9000. O CEP é 65071-322. Em Bacabeira, o endereço é Avenida Engenheiro Emiliano Macieira - s/n Km 43. O CEP é 65099-000

Samba Brasil

A 4Mãos Entretenimento anunciou a abertura das vendas para o Samba Brasil, um dos maiores eventos de samba de São Luís. O festival será realizado nos dias 24 e 25 de agosto, na área externa do São Luís Shopping, reunindo um time de peso do samba e pagode nacional, com Péricles, Sorriso Maroto, Dilsinho, Kamisa 10, Ferrugem, Turma do Pagode, Feijoada Completa, Davizão, Os Parças e Negro Som.

Sorriso Maroto e Dilsinho

É uma maratona de dois dias de shows imperdíveis com grandes nomes do samba e do pagode nacional. No dia 24 de agosto, sábado, sobem ao palco Sorriso Maroto e Dilsinho, acompanhados de Kamisa 10, Davizão e Feijoada Completa. No domingo, dia 25, a animação fica por conta das atrações Péricles, Ferrugem e Turma do Pagode. Para completar a festa, tem a banda Os Parças e Negro Som.

Ensaio do Boi de Maracanã

O Boi de Maracanã volta a fazer ensaio temático neste sábado, a partir das 23h, em sua sede, no Maracanã, zona rural de São Luís, reunindo brincantes e pessoas da comunidade, além de simpatizantes do grupo folclórico de vários bairros de São Luís.

Trata-se do segundo ensaio da manifestação folclórica centenária, que promete um São João dos mais animados, com diversas apresentações nos terreiros da Ilha, entre arraiais públicos e da iniciativa privada.



O poeta Cassas com o poeta e escritor Marco Luchesi

A POESIA É CASSAS

Maio, mês das mães, de Maria e das flores, encontra na poesia, pacto de amor com a cidade. É o sarau pra embalar São Luís, em dupla versão, 18 e 23 de maio, que ganha repercussão no espírito são-luisense

18 E 23 DE MAIO. AGENDE-SE

A Poesia Maranhense inicia neste sábado (18), novo capítulo de interação com o público. Trata-se da ideia do poeta Luis Augusto Cassas posta em prática, em companhia de amigos sensíveis, poetas, artistas, compositores, pessoas que cultivam o verbo e a música, de juntarem forças e se agruparem para homenagear São Luís, através de seus dois legados essenciais: a poesia e a música.

SOBRE O SARAU DO DIA 18 DE MAIO

Dia 18, neste sábado, a sinfonia orquestra seu primeiro

movimento, unicamente com a Poesia, através do 1 Sarau pra Embalar São Luís, a ser realizada na Livraria Amei, no Shopping São Luís.

A Livraria Amei tem lotação de oitenta cadeiras para o evento. Será iniciado a partir das 17h30, quando o poeta Luis Augusto Cassas, autografa seus cinco novos livros de poemas, embalado pela flauta de João Neto. Às 19h, se inicia o sarau com leitura de poemas.

Eis o elenco: Rogener Almeida Costa, Pergentino Holanda, Claudiana Cotrim, Lindevânia Martins, Josias Sobrinho, Socorro Teixeira, Luis Augusto Cassas, Geetesh, Lúcia Santos, Fernando Abreu, Gerude, Marco Antônio Teixeira, Cristina Murillo e Rogério Rocha.

SOBRE O SARAU DO DIA 23

O Sarau do dia 23 de maio, fundirá poesia e música, com o elenco ampliado, em local de maior espacialidade, o Miolo Bar, na Avenida Litorânea, ao lado do restaurante Portugália, hoje o local mais badalado da orla para eventos de maior porte. Sua lotação atinge 200 lugares.

Entrarão em cena os compositores Chico Maranhão, Sérgio Habibe, Gerude, Josias Sobrinho e Joãozinho Ribeiro. Encenarão suas composições, incluindo parcerias com o poeta. Alguns, lerão poemas do autor.

Das 19 às 20 horas, sessão-autógrafos do Poeta com fundo de Trio Chorão. João Neto, flauta; Mano Lopes, violão; e Vandico Monteiro, pandeiro.

Das 20 às 21 horas, Leitura de Poemas com o elenco de poesia. Rogener Almeida Costa, Luis Augusto Cassas, Pergentino Holanda, Lindevânia Martins, Josias Sobrinho, Socorro Teixeira, Gerude, Lúcia Santos, Fernando Abreu, Silvana Pantoja, Marco Antônio Teixeira, Cristina Murillo, Claudiana Cotrim, Rogério Rocha e Eugenia Neves.

Das 21 às 22 horas, Sarau Musical com os compositores e cantores Chico Maranhão, Josias Sobrinho, Sérgio Habibe, Gerude e Joãozinho Ribeiro. Além de cantarem suas composições, apresentarão parcerias com o poeta e lerão poemas.

Às 22 horas, terá início 90 minutos de apresentação do Trio Chorão.



Compositor Sergio Habibe



Marco Antonio Teixeira



Rogener Almeida Costa



Compositor Gerude



Madeira, ex-Juiz Federal, Advogado, agora no elenco do Sarau

POESIA, MEU PRIMEIRO ENCANTAMENTO

A poesia foi minha primeira volta ao mundo. Tocou-me profundamente quando me entendi por gente e as palavras vestiram a roupagem sobrenatural do belo e do encantamento.

É assim que estou me sentindo ao participar destes "Sarau para Embalar São Luís", nesta primeira versão lírica que acontece neste sábado, 18 de maio, na Livraria Amei, do Shopping São Luís, véspera de meu aniversário, de 19 de maio. Mas não haverá somente o Sarau de 18 de maio, sábado. Ele continuará em outro, de maiores proporções, juntando poesia e música, dia 23, no Miolo Bar, na Litorânea, ao lado do Restaurante Portugália.

Este Sarau é poesia, pura poesia, idealizada pelo meu querido amigo Luis Augusto Cassas que surgiu estrondosamente em 1981, com República dos Becos, cuja safra lírica atinge hoje trinta títulos. Sua homenagem à cidade que nos deu régua e compasso e nos aplinou os caminhos pelas ruas de paralelepípedos, é gesto de íntima ternura e transcendente universalidade. É pura renovação da tradição lírica, antes tímida, agora engalanada de sol e sal, soprando as inúbias do belo e do profundo. A poesia pede passagem rumo a novas paisagens.

Aniversário na poesia e estendo meu aniversário até dia 23, quinta, quando o Sarau pra Embalar São Luís atinge o pico máximo, ampliando o formato original, unindo poesia e música, poetas e compositores, desta feita em segunda versão, no Miolo Bar, na Litorânea, em ambiente com 200 lugares, embalada pela lua cheia e as ondas do mar, agrupando poetas e compositores, numa grande sinfonia maranhense de beleza e encantamento. A festa no Miolo Bar será iniciada às 20h e irá até a meia noite. Um mega entretenimento.

Uno-me, portanto, aos amigos de elenco com a singularidade de quem redespertou para a vida com a alegria de sonhar. E ao poeta Cassas, a certeza de que os laços anteriores se tornaram mais fortes, renovando os vínculos com o arsenal da beleza da poesia. A autêntica poesia. (Pergentino Holanda)



Vista panorâmica do Miolo Bar, palco do Sarau para Embalar São Luís

RECEITA DO POETA CASSAS SOBRE POESIA

– "Poesia é para os sonhadores e aqueles que querem aprender a sonhar de olhos abertos.

Esse é o público que gosta de poesia. Os que se alimentam de féculas de sonho para ampliarem a sua capacidade de sonhar novas realidades."

"Acredito hoje, que a leitura de poemas é a melhor maneira de apresentação dos livros à cidade. Despertar, para os não iniciados, o desejo da leitura dessa arte intimista e pública, sutil e necessária. A leitura de poemas permite ao espectador navegar nas águas da beleza e do sublime e oxigenar internamente a alma, descortinando novos portais de discernimento e compreensão. É uma iniciação a psicoterapia do individual e coletivo. Auxilia no despertar as pessoas para a percepção do sensível e da interioridade. O que sabe quem não a conhece? Aos curiosos, a poesia oferta oportunidades e possibilidades. Poesia é fermento do sonho."

SARAU PRA EMBALAR SÃO LUÍS

"Poetas, seresteiros, namorados, correi,

é chegada a hora de escrever e cantar,

talvez as derradeiras noites de luar..."

Aproveite a lua cheia de maio, 23, quinta, no Miolo Bar, Litorânea, para curtir com poesia e música, o Sarau pra Embalar São Luís.

Estarão conosco das 19 às 23 horas: Luis Augusto Cassas/ Chico Maranhão/ Rogener Almeida Costa/ Pergentino Holanda/Lindevânia Martins/ Josias Sobrinho/ Socorro Teixeira/ Gerude/ Lúcia Santos/ Fernando Abreu/ Sérgio Habibe/ Silvana Pantoja/ Marco Antônio Teixeira/ Cristina Murillo/ Claudiana Cotrim/ Rogério Rocha/ José Carlos Madeira/ Eugenia Neves/ Josias Sobrinho/ + Trio Chorão: com João Neto/ Mano Lopes/ Vandico Monteiro.

2
Miolo Bar, Litorânea, ao lado do Restaurante Portugália. Lotação: 200 lugares. Muitos artistas mas sem couvert artístico.



Poeta Fernando Abreu